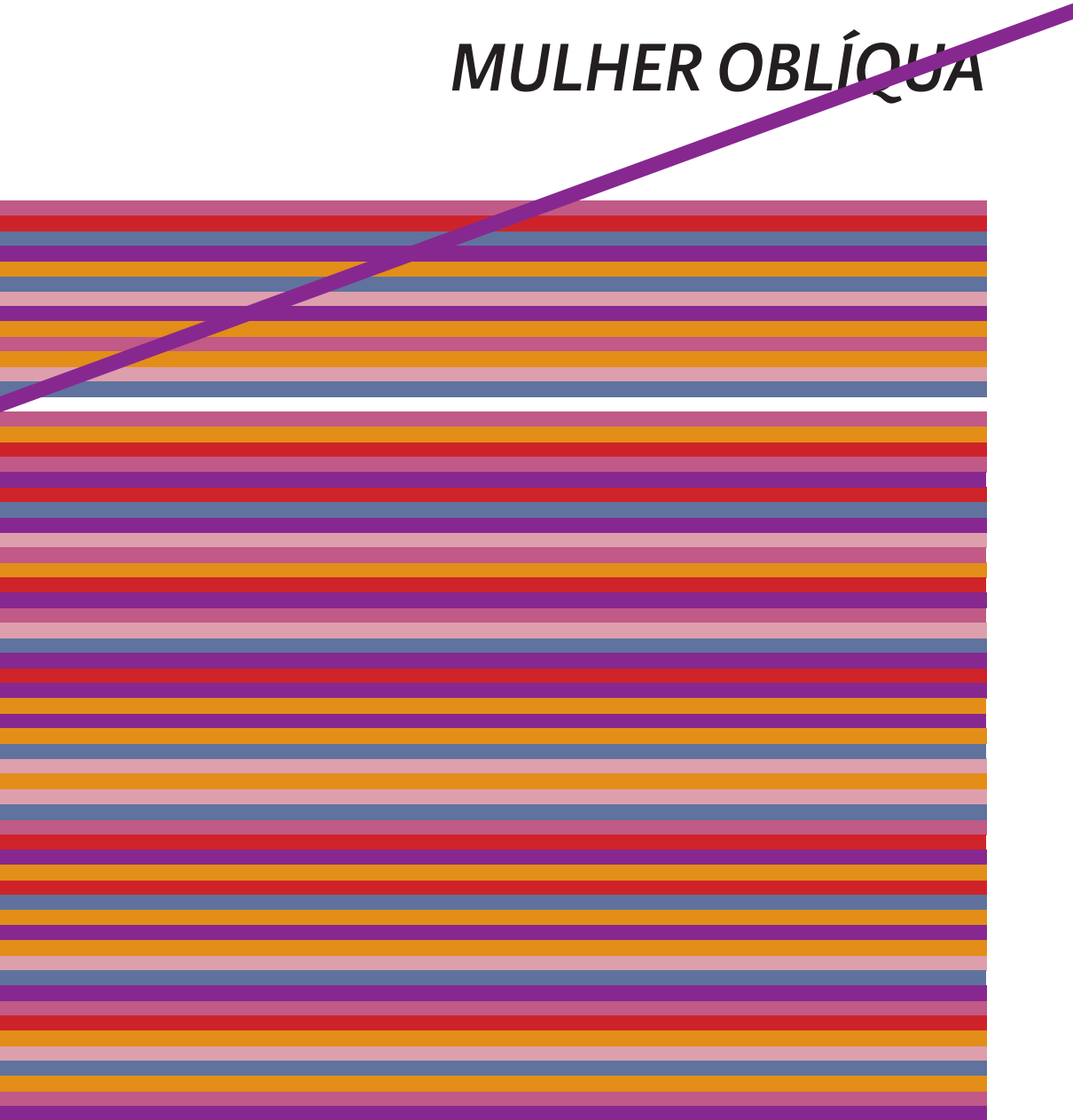
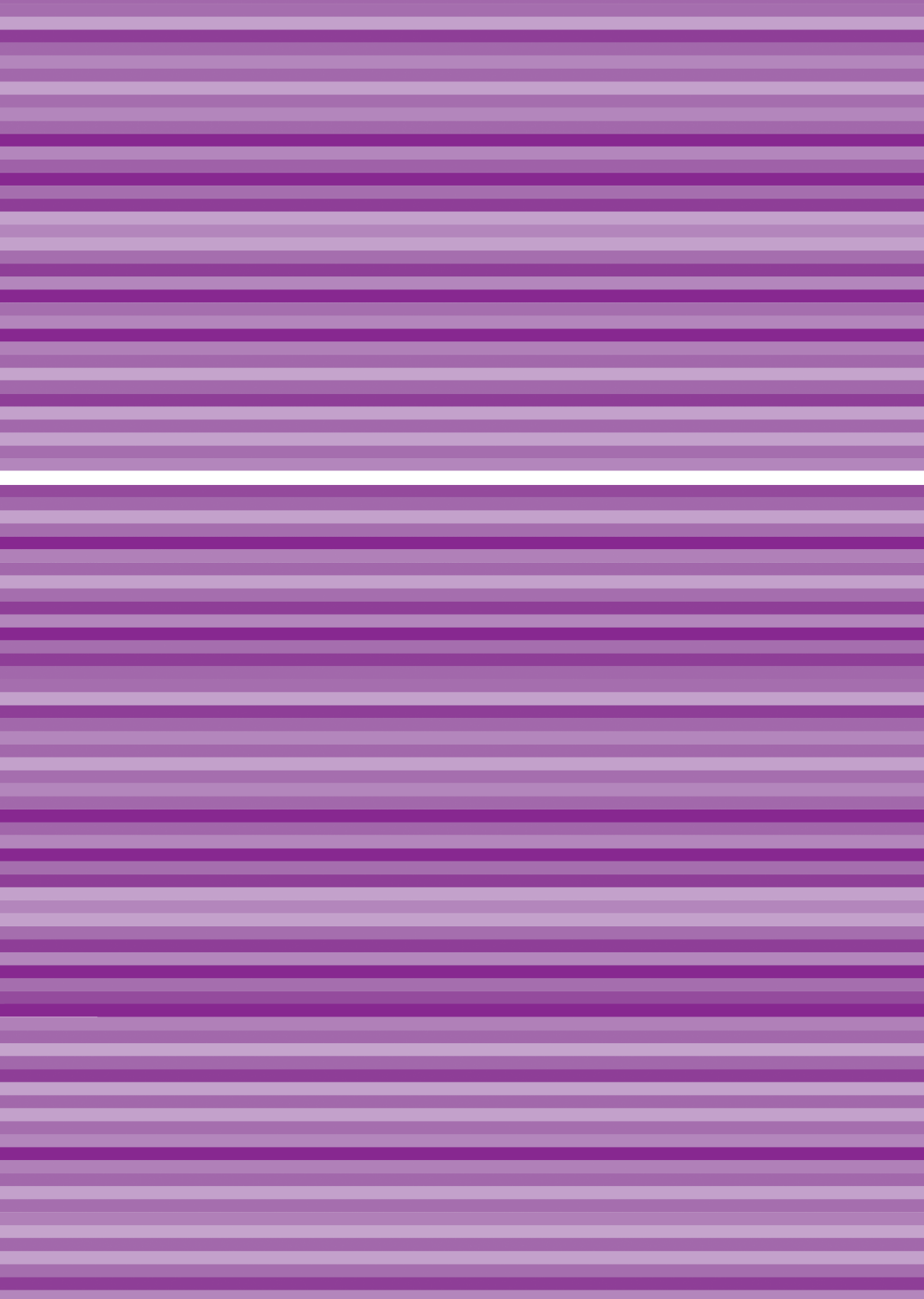


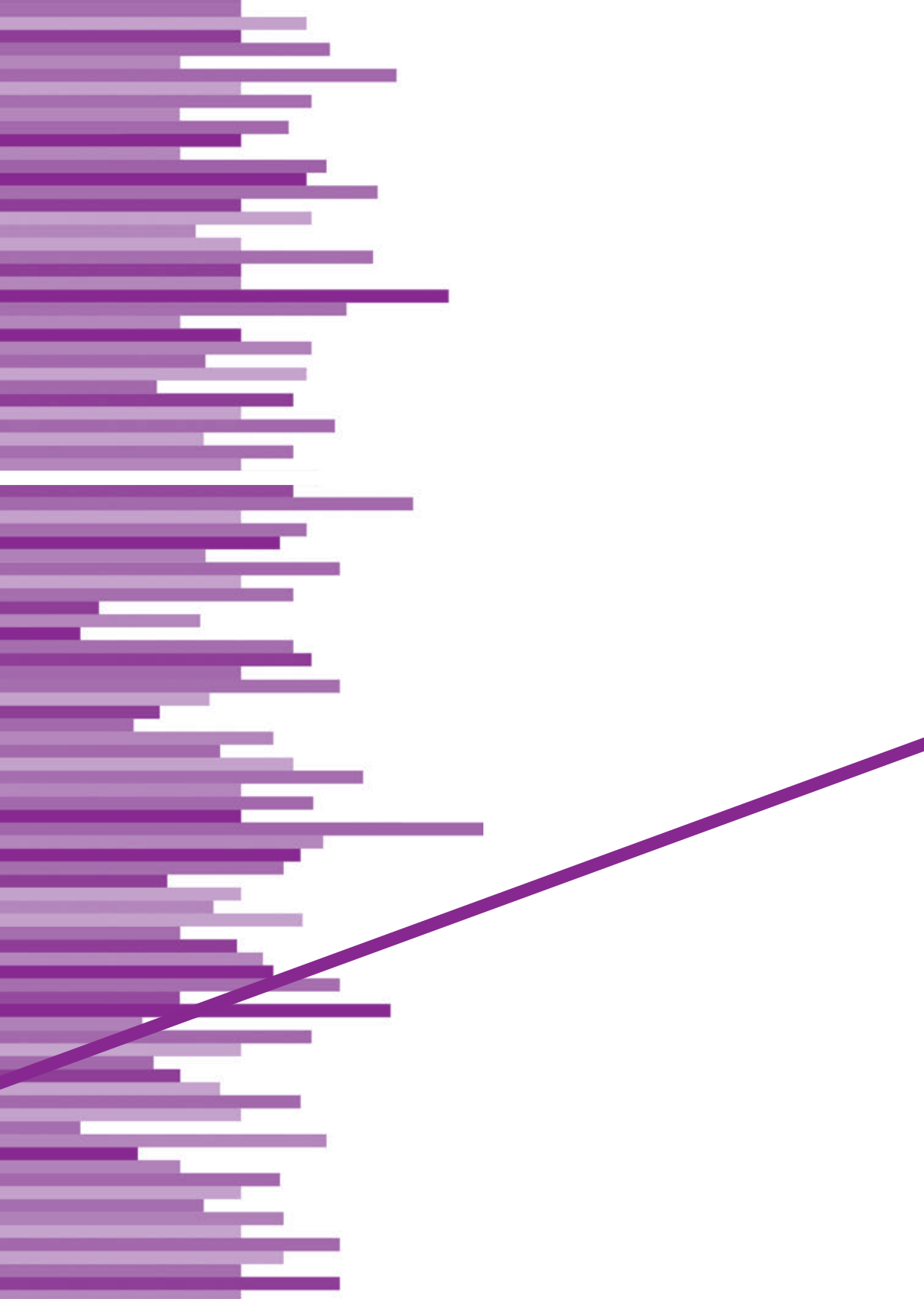
beatriz alcântara

MULHER OBLÍQUA









beatriz alcântara

MULHER OBLÍQUA



Fortaleza, 2014

SUMÁRIO

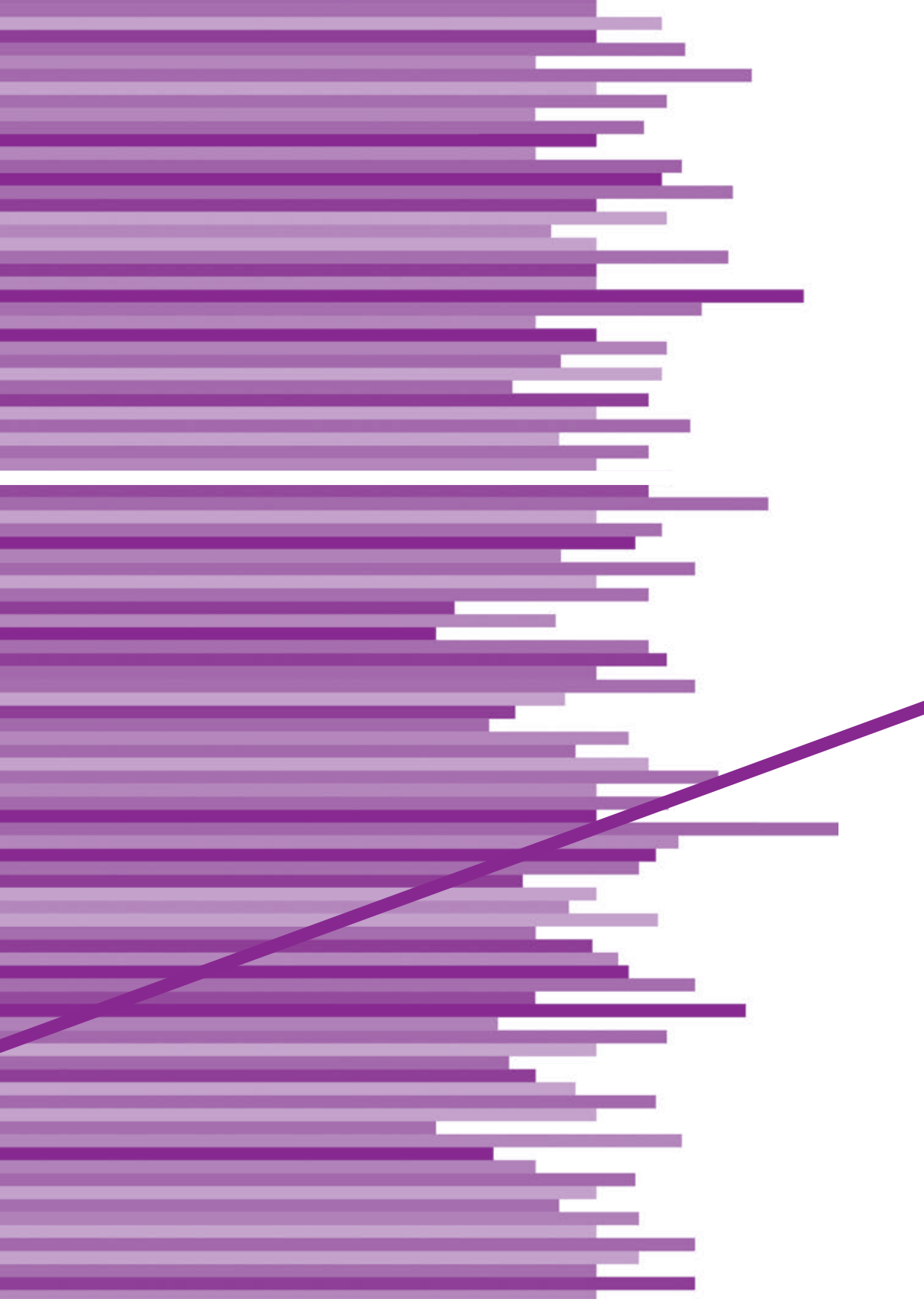
- 11 A menina que não foi bailarina
por Diogo Fontenelle
- 13 Novos poemas de Beatriz Alcântara
por Sânzio de Azevedo
- 19 Número um
- 21 Mulher pessoa oblíqua
- 22 Uma cápsula de presente
- 23 Geometria do tempo
- 24 Linha da memória
- 25 Clara branca Lisboa
- 26 Aldeia da paz
- 27 Palavra a correr
- 31 Leite talhado
- 32 Marinheiro
- 33 Dá-me o prazer dessa dança?
- 34 Aceno
- 35 Não fujas
- 36 Já passou
- 37 E-mail triste
- 41 Eu me pergunto
- 42 África tanta
- 45 Único, a
- 46 Opostos
- 47 No regaço da névoa

- 48 Olhos nos teus
- 49 Pão do dia
- 50 Amêndoas doces
- 53 Noite dos tempos
- 54 Habemus Papam
- 55 Manif
- 56 Bilhete
- 57 Silêncio
- 58 Dia do pai
- 59 Arrepio
- 60 Estilhaços
- 63 Gota a gota
- 64 Visão noturna
- 65 Natura, ae
- 67 Saguim
- 68 Heróis dos 60
- 69 Foto de férias
- 70 Desenho antigo
- 71 Blazer de alfaiataria
- 72 Chama
- 73 Nem mais
- 77 Insondável feminino
- 79 Chegou o dia
- 80 Poção de mulher
- 81 Gemer a dor
- 82 Descabeçada
- 83 O boneco
- 84 Labirintite

- 85 Poema onomatopeico
- 86 Zaghuan
- 89 Enamorados moscovitas
- 90 Cavalo marinho amarelo
- 91 Duas sem uma
- 92 Eu e o mar
- 94 Vinho generoso
- 95 Até breve

- 97 Adendo


- 108 Agradecendo um Brinde de Beatriz Alcântara
por Artur Eduardo Benevides



Endereço este livro a

JOSÉ SARAMAGO

no rastro de sua obra invulgar.



A MENINA QUE NÃO FOI BAILARINA

Beatriz é a pequena andaluza de olhar beduíno,
De olheiras profundas como o sonho que parte em camelo
Por mares, rios e terras inventadas por menino...

Beatriz, a menina pensativa que não foi ao circo modelo,
É aquela que recolhia as nuvens perseguindo os astros!

Beatriz, a menina vestida de anil que não patinou no gelo,
É aquela que incensava hinos em castiçais de alabastro!

Beatriz, a menina sonhadora que não foi bailarina,
É aquela que encantava a vida e virou poeta peregrina!

por Diogo Fontelle

para Beatriz Alcântara

Fortaleza, 09/02/2012

NOVOS POEMAS DE BEATRIZ ALCÂNTARA

Recebo, entre surpreso e honrado, o convite de minha amiga e colega da Academia Cearense de Letras Beatriz Alcântara para escrever algumas palavras na abertura do seu livro de poemas *Mulher Oblíqua*.

Publicou a autora mais de uma dezena de livros, nos quais cultivava ora o ensaio, ora o conto, ora a poesia.

Como poetisa (jamais escreverei poeta, referindo-me a uma mulher), confesso que conhecia textos seus em antologias, e ela faz parte de várias, no Brasil e no exterior. Agora me vejo diante de 56 poemas dessa escritora que possui dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa, conhece muitos países e é detentora de inúmeros prêmios e condecorações.

Não se trata de um livro monocórdico, em que todos os textos têm a mesma medida ou tratam do mesmo tema. Não. Aqui há poemas breves e de versos curtos; outros, de versos curtos, se alongam mais; e há também aqueles longos e de versos com maior número de sílabas. Quanto aos temas, vão da leveza de uma descrição graciosa ao peso de uma reflexão sobre a morte.

O poema que abre o livro, “Número um”, mostra-nos a autora falando ao próprio texto, dizendo-lhe, entre outras coisas: “para seres poema e o primeiro / não te cabe beleza, sequer comoção”. E, depois de falar em “anúncio de grandiloquência ou certa rima afoita”, revela a autora que “este número um (...) a nada disso vai recorrer”, o que interpreto, ou tento interpretar, como o anúncio de que neste livro a poetisa não recorrerá a artifícios em busca do belo do comovente, o que, diga-se de passagem, nem sempre será seguido à risca, felizmente...

“Mulher, pessoa oblíqua”, que dá origem ao título do livro, composto de versos longos, mas livres, sem o mesmo número de sílabas, fala da mulher com suas qualidades e seus defeitos, sua força e sua fraqueza. As estrofes são tercetos. Desse poema destaco (porque me agradaram mais) as estrofes 4ª e 5ª: “Criatura com medo de sombras

indefinidas, defendes, / cheia de valentia, fracos, feridos, injustiçados e perseguidos, / ser ímpar, desconheces lógica absoluta, verdade alguma te diminui. // Incomoda-te o não seres entendida, mas nada acrescentas / nesse modo de pensar oblíquo que nunca se aquietamem se senta, / apenas para ler e se amedronta com uma barata a sair em visita ao escuro.”

Interessante a confissão contida na 3ª estrofe de “Geometria do tempo”, em que se lê: “não é meu o romantismo / de florzinha branca delicada, / palavras de mel dia inteiro / nem lágrimas soltas por um nada, / mas gosto de nesse clima me aconchegar.”

Em “Clara branca Lisboa” fala a autora de uma Capital que ela deve conhecer como a palma da mão. Mas quem, como eu, esteve apenas uma vez na bela Capital portuguesa identifica perfeitamente a cidade ao ler esses versos felizes que flagram sua singular luminosidade.

Como que continuação do poema anterior, “Aldeia da Paz”, que fala de um povoado que ainda lembra “o flagelo da Guerra Mundial, a Segunda”, e cujos versos finais são de rara beleza: “No adeus, as palavras são travadas pela emoção / a dizer, bem haja, já cá volto a te ver. / A curva apaga a aldeia e o pensamento / liberto, quase ingrato, toma a forma do vento.” Note-se, no segundo verso, a dicção lusitana proposital.

Destaque-se o leve erotismo do breve e belo poema intitulado “Marinheiro”. Apesar de o leitor dever lê-lo, transcrevo-o por inteiro: do sol do sal e do mar / ela sentiu o beijo do homem / sôfrego de vida gerando união / a colher a pérola da concha mansa / pelas marés vestida em branco nupcial.”

Clima romântico (no sentido que se dá atualmente a esse adjetivo) é “Dá-me o prazer dessa dança?”, cujo verso final diz: “e eu te cobriria de beijos apaixonados pelo resto da vida”.

Belo e comovente é “E-mail triste”, que se inicia com estes três versos: “Chegaram duas / palavras de vir abaixo, / ele morreu.” E termina igualmente com três versos: “Chora amiga, reza agradecida / pela paixão que, sem o saberes, / até ao final abalou e te possuiu.”

“Labirintite” é um texto bem original, descrevendo em versos os sintomas de uma enfermidade.

“África tanta” não é muito breve, e diz coisas interessantes sobre o Continente, mas destaco os dois versos finais, de grande força: “África tanta, deste-me uma avó / e mal te conheço, mas eu te amo.”

“Bilhete” é a comovente descrição poética da perda do Pai. Não preciso dizer mais nada.

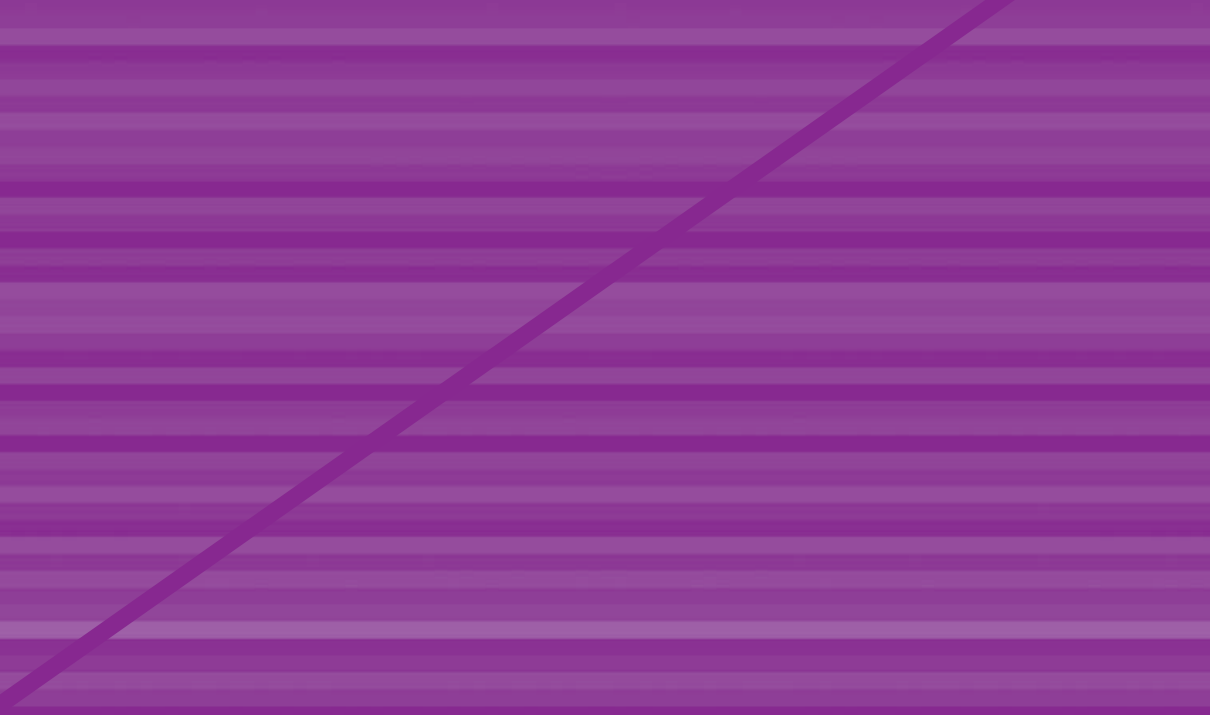
O poema “Dia do Pai” é mais uma reflexão (bem explícita) sobre a transitoriedade da nossa existência.

Não sei se todos os leitores sentirão o mesmo que senti ao ler estes poemas de Beatriz Alcântara. De maneira algo impressionista, disse o que pensei de *Mulher Oblíqua* que, segundo acredito, enriquecerá o patrimônio literário da escritora e da nossa terra.

por Sânzio de Azevedo

Fortaleza, 19/06/2014





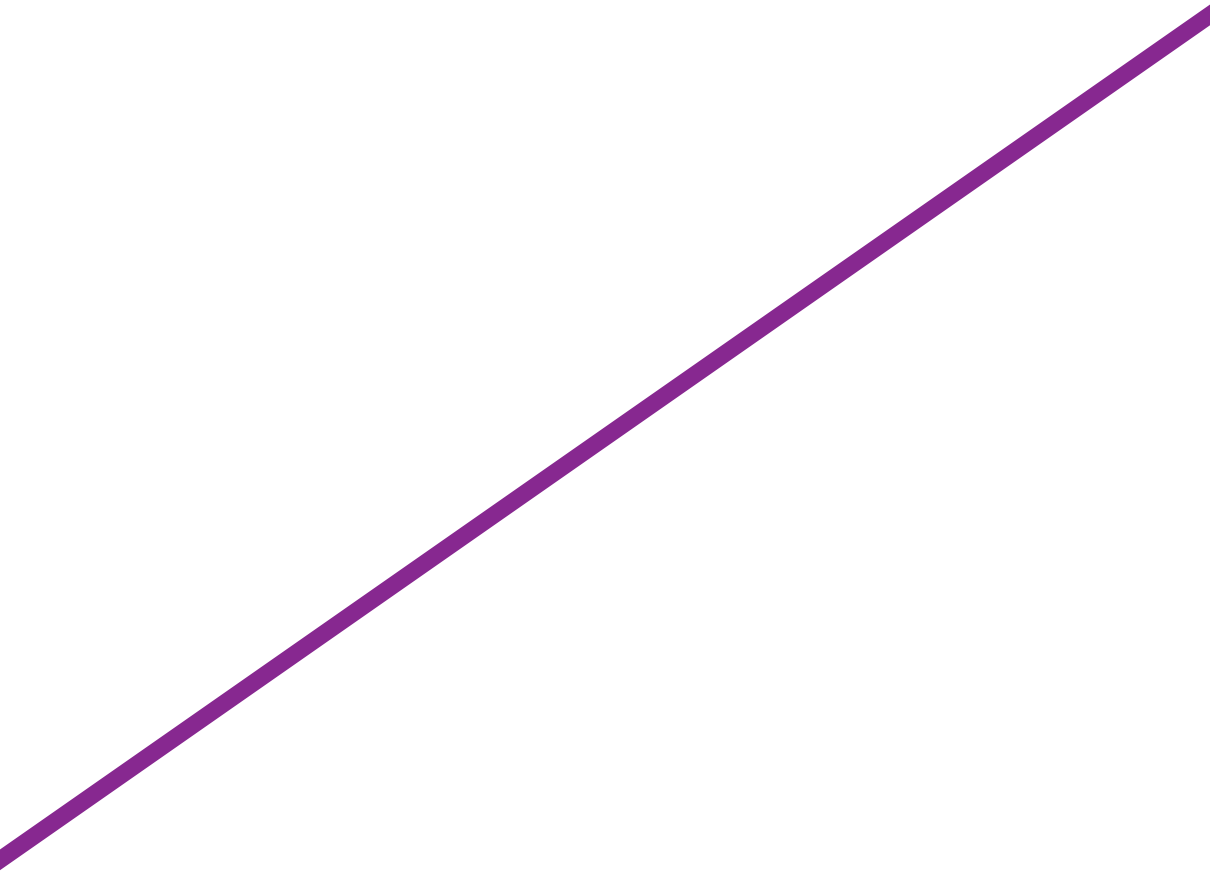
*Eu no fundo, não invento nada. Limito-me a pôr à vista.
Levanto as pedras e mostro o que está por baixo.
Nós somos o outro do outro.*

— JOSÉ SARAMAGO

NÚMERO UM

Desafio-te,
para seres poema e o primeiro
não te cabe beleza, sequer comoção,
melhor seria um sutil desconcerto, instigante,
o anúncio de grandiloquência ou certa rima afoita.

Não sei quem faz o desafio,
mas assim posto, este número um
responde que a nada disso vai recorrer
enquanto quebra por *bullying* o estabelecido e, a
convite da autora, tanto está pelo bem quanto permanece.



MULHER PESSOA OBLÍQUA

Estrela indefinida, espaço vago, rastro oblíquo,
difícil precisar dimensão, aparência e contornos errantes,
raros, únicos, reconhecem o tom volátil do pensamento feminino.

Vês, estrela, aquele sonho encontrado entre livros
acordou envolto em brilho de ouro e sob sol desmedido,
muito pouca chance a tua de alcançá-lo, escada-rolante acima.

Incompreendida, reages, choras, logo depois podes rir,
soltas beijos ao vento, abraças o universo mais ali, amuada
fazes de conta, meiga, embalas a criança, mesmo filha do alheio.

Criatura com medo de sombras indefinidas, defendes,
cheia de valentia, fracos, feridos, injustiçados e perseguidos,
ser ímpar, desconheces lógica absoluta, verdade alguma te diminui.

Incomoda-te o não seres entendida, mas nada acrescentas
nesse modo de pensar oblíquo que nunca se aquieta nem se senta,
apenas para ler, e se amedronta com uma barata a sair em visita ao escuro.

Descompasso pessoal, colecionar sem volúpia, calçados, vitaminas
e dietas milagrosas, agrupamento de sorrisos, anorexia, cabelos longos, grifes,
estranheza única é ganho, colecionar dicionários, desuso, cacife a jogar no inimitável.

Pessoa oblíqua, quando te vejo, vezes me acho, acredito e sigo
a viver amor insondável, percurso veias afora, universo inteiro,
outras arrepio caminho, adoço o perdido e assumo certas antigas dúvidas.

UMA CÁPSULA DE PRESENTE

vezes quando o sol termina o dia
a paz se expande a acariciar todo o silêncio
uma cápsula do bem visita-me a alma em repouso
recorda palavras gestos algumas frustrações remanescentes
o entendimento fala perdão embala o sonho e acaba por lacrar a cápsula

GEOMETRIA DO TEMPO

Entre as duas mãos
e saindo da toalha
não é meu o rosto
no espelho,
mas eu o reconheço.

Não é minha a timidez
de se negar à multidão
de se deixar por último
no entrar, sair e nas fotos,
mas nela estou e me encontro.

Não é meu o romantismo
de florzinha branca delicada,
palavras de mel dia inteiro
nem lágrimas soltas por um nada,
mas gosto de nesse clima me aconchegar.

Se a idade tenta querer avançar por mim adentro e
Julgo, às vezes, não me identificar nos mínimos detalhes.
Sigo com destemor atravessando, só, ruas inundadas de motos.
Por que alguns querem dizer como levar a vida,
retirando voz e opinião e dar-me por concluída?
Não aceito. Sou sempre eu com meus versos.

LINHA DA MEMÓRIA

viver na certeza de haver um tempo por vir
que igual hoje vai passar
que logo também escapará
para enfim esvaecer-se e ressurgir
muito além da reconquista pela geometria do eterno universal

CLARA BRANCA LISBOA

Tão clara a luz branca lisboeta
envolve e aligeira seres, humores,
desfaz barreira no desconhecido
nega e rejeita o sentir-se deslocado
mesmo ao visitante mais arredio.
Clara luminosa, espelhas o Tejo,
iluminas meu caminhar pelas calçadas
acredito-me personagem, atriz de mim,
dona de um certo destino volátil
entre o agora e o que depois virá,
talvez a remoer os tempos de ontem
não desejados, mas por descuido habitados.
Clara antiga e serena Lisboa dos sinos, hoje,
renovada, mas sempre fadista, és *point* turístico.
Queres vivas pela conquista?

ALDEIA DA PAZ

Não se afasta do coração
quem da Benfeita leva lembrança
do sino a tocar a paz,
o amarelo das giestas entre sol e chuva
num maio intenso, primaveril,
águas cantantes entre as ribeiras,
hinos na missa domingueira da Matriz,
num coro feminino, afinado como cristal,
tudo singelo, sem igual, a abraçar os dias às noites.

Vales, montes, cumes arredondados,
súbito ao dobrar uma curva, a aldeia pequenina.
Ao longe, numa torre altaneira sem ornatos
o sino badala suave e ritmado,
mil seiscentos e vinte toques avivam à memória
o flagelo da Guerra Mundial, a Segunda,
a paz assinada numa tarde a sete de maio.
Hoje, no areal, grupos reúnem-se à conversa,
voz baixa, todos atentos ao repicar,
orgulho e satisfação por serem,
de certo, os únicos a não esquecerem
de bendizer a paz, ano a ano, após tantos.

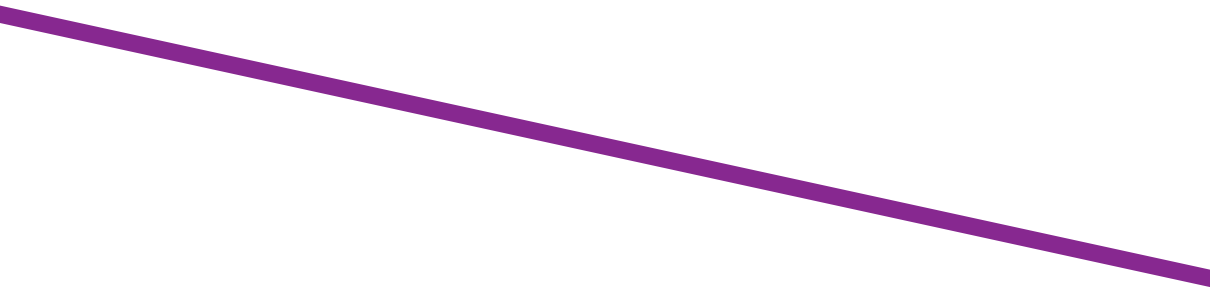
Não se pode escapar ao coração
nem separar de si a felicidade
quando ao seguir caminho adiante,
chegada a ponte fundeira, aconchegar o olhar
ao amanho do campo e na lide das quelhas.
No adeus, as palavras são travadas pela emoção
a dizer, bem haja, já cá volto a te ver.
A curva apaga a aldeia e o pensamento
liberto, quase ingrato, toma a forma do vento.

PALAVRA A CORRER

Para onde seguem
as águas do lago
tangidas pelo vento
encrespadas num sentido
sem fim para retornar,
serão águas perdidas?

Irmãs da palavra solta
dita e esquecida na caverna
sem qualquer recuperação
do excesso no grito, minerais,
as águas não ficaram petrificadas
ao contrário ganharam intimidade
com o chão fundo, o lodo, as correntezas,
numa aparência de quase ser.

Grilhões, a palavra pronunciada, até sussurrada,
dita a escorrer num sopro involuntário,
jamais será retomada, nem mesmo pelo eco,
nunca conhecerá o ir e voltar, tal águas aprisionadas no lago.



*Das habilidades que o mundo sabe,
essa é a que ele ainda faz melhor: dar voltas!*

— JOSÉ SARAMAGO

LEITE TALHADO

Leite derramado
sobre o vidro da mesa,
muito quente, talhou.
Contidos e sérios
os apaixonados de ontem
entreolharam-se, último
entendimento, levantaram-se
seguiram para o trabalho.

À noite só ela retornou.
Dois dias, dois serões,
campainha, toque breve,
de novo, olho mágico, porta entreaberta.
Bilhete apresenta-se,
cinco rosas vermelhas,
três palavras
quase rascunhadas: te amo, eu.

MARINHEIRO

do sol do sal e do mar
ela sentiu o beijo do homem
sôfrego de vida gerando união
a colher a pérola da concha mansa
pelas marés vestida em branco nupcial

DÁ-ME O PRAZER DESSA DANÇA?

Descuidada noite de luar,
uma música veio ao modo
de distantes serenatas.

A vizinha, olhos fechados
viu-se a dançar recitando
versos conhecidos como súplica
come to me, tenderly, in our true night.

Posso entrar na coautoria desse seu versejar?

Você dançaria comigo no escurinho, *a moonlight serenade*,
e eu te cobriria de beijos apaixonados pelo resto de uma vida.

ACENO

Não há noite
não há dia
fúria, tristeza ou alegria,
o menor impedimento
que corra pelo meio
do tempo maduro
a segurar as horas
de vida revestidas,
olhos abertos, atentos,
a espreitar o momento
hora e vez da despedida,
então, engolindo em seco
sem mais nada poder fazer
levanta-se o braço no aceno
do adeus, até a vista ao longe perder.

NÃO FUJAS

se a poesia sobreviveu
à rotina
se os beijos venceram além
da paixão
segue não fujas pensa com ternura nos dois

JÁ PASSOU

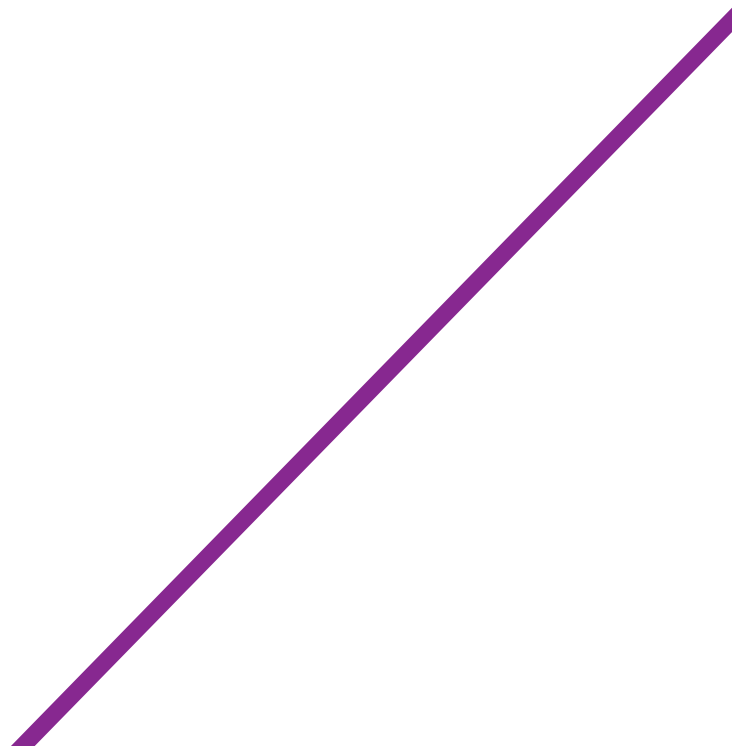
o que julgaste que não tinhas
quase o perdeste ao partir
nesse teu seguir a linha da ilusão
afogaste verdades e salvaste várias mentiras
volta grande tonto nem todo vermelho é cor de sangue

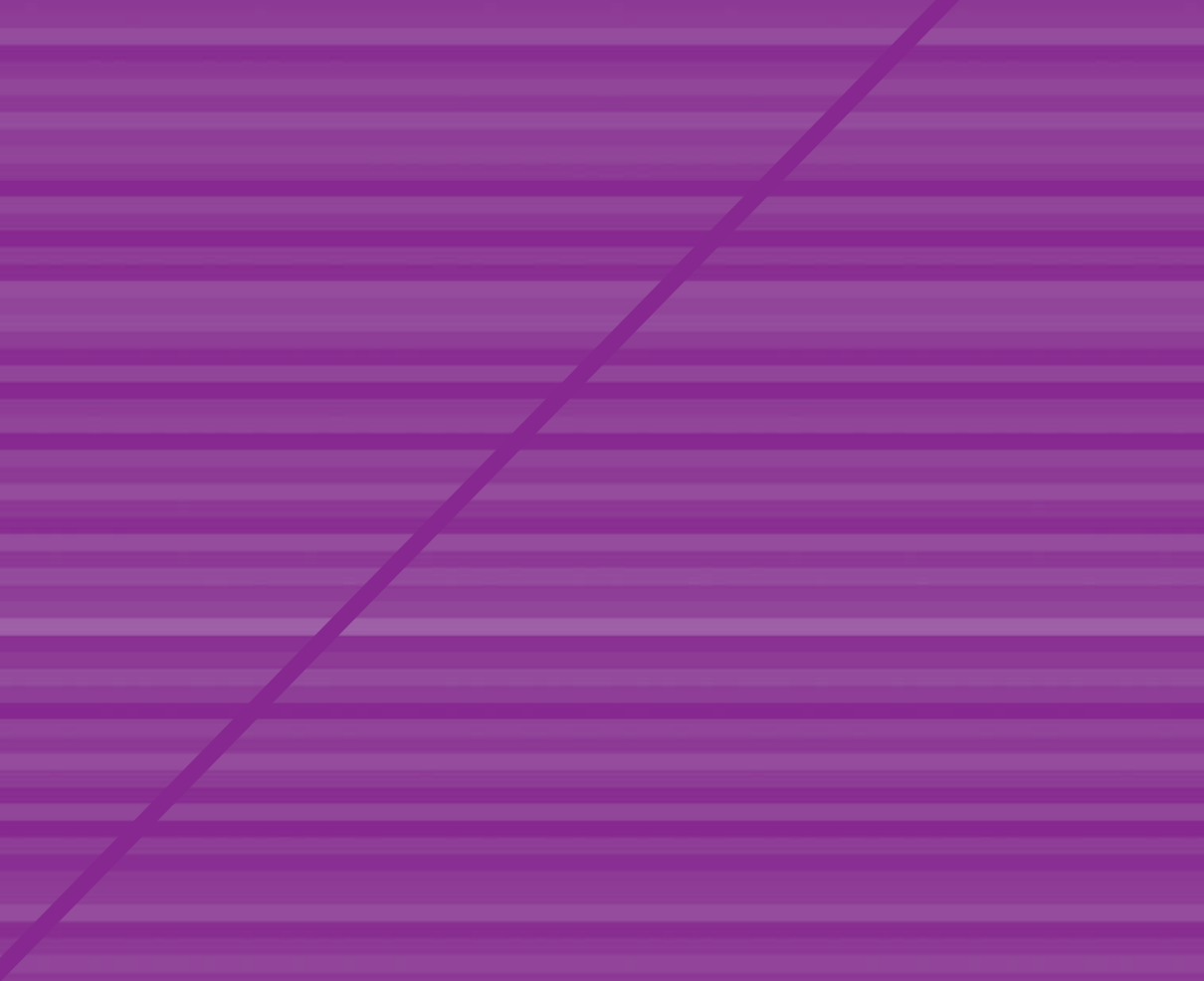
E-MAIL TRISTE

Chegaram duas
palavras de vir abaixo,
ele morreu.

Dizias baixo para ti,
não é mais o meu homem
e acreditavas tudo esquecido.
Engano.

Tinhas descuidado de amá-lo
ele estava guardado dentro de ti,
eram só de vocês as brigas
entre taças de vinho e cigarros,
afastamentos em desespero
pelo recomeço, vezes em tons extremos
traições, cumplicidade, olhares sem fala,
a si próprios se chamando de “sem vergonhas”.
Sobrou o não esperado,
o tempo de luto do amor.
Chora amiga, reza agradecida
pela paixão que, sem o saberes,
até ao final abalou e te possuiu.





*A esperança. Só a esperança, nada mais. Chega-se
um ponto, em que não há mais nada senão ela...
É então que descobrimos que ainda temos tudo.*

— JOSÉ SARAMAGO

EU ME PERGUNTO

Por que o destino permite
às crenças racharem
a alma humana, dobrar
o respeito, dissolver
a sutileza e quase tudo
passar a ser volátil, entre
uma succulenta descrença amadurecida
permanecendo sob reflexos de espelho
submissa às emanações do poder?

Se o fado arma encontros
depois tranquilo tritura amizades
azedada a rotina do convívio próximo
atira e aponta palavras como armas
num impulso esmagando o mais íntimo,
tudo a denegrir o entendimento e o viver,
por que nos iludimos com o brilho dos cristais,
mutante com a luz a clarear e se esconder no escuro?

Tudo vem do nada, do modo nenhum,
o mistério esfacela qualquer verdade
até o riso solto madrugada adentro,
o olhar lançado à mão para a esmola,
o rosto em lágrimas desfigurado,
confissões ditadas pelo remorso,
tudo isso a beirar a verdade do nada,
indigna e indiferente a roçar sentimentos ocultos,
e nós, seguindo, permanecemos no que assim já estava?

ÁFRICA TANTA

O olhar parado da menina
enluta todo seu ser
sem nada mostrar de si
nada lhe parece interessante
nem agora nem ontem.
Boneca, pouco lhe importa.
Não chora, não brinca, nem sorri,
desconfiada, isso sim,
cerra os lábios
assustada, encolhe-se
engole em seco o disfarce
do grito aflito, maldição.
África tanta,
chão de terra e de gente
tão diversificada
por tantos ferida
devassada.
A volúpia de riqueza
marcaram gente feliz
de dor e luto,
grilhões da liberdade.
Hoje, rebeldia consentida
voltaram a cantar e dançar
novo modo de viver
vezes pobre outras rico,
riso aberto, sempre.

África, continente múltiplo,
Somália seca estepe
conflitos internos, fome,
terras altaneiras, gélidas
nevadas do Kilimanjaro,
cidades do Mali, da Etiópia
místicas, encapsuladas no mistério,
milenaes enigmas tangidos
pelos homens azuis,
Tuaregs do Sahara,
templos egípcios revelados
nas escavações junto ao Nilo,
nuvens a beijarem as margens
das grandiosas quedas de Victória.
África forte
distante de uma Copa
entre a vontade e o esforço
de muitos irmanados partilharem
a paz reconstruindo a rotina
no seu próprio chão,
terra pés nus amassando
novas trilhas, seguras,
crianças grande número
na escola a prepararem nações
com dignidade e saúde.

África tamanha,
sonhei-te onix precioso
em São Tomé e Príncipe,
ilhas no meio do oceano,
plantações exuberantes
roças de café e cacau,
berço da avó Augusta,
entre tuas tantas almas,
algumas belas, outras
desnutridas e mutiladas
provocas e emocionas,
exotismo sem par nas mulheres
vestidas de cores vibrantes
rivalizando com o pôr do sol
a esaldar chão e olhos,
por tão iluminado céu.
Silhuetas de arvores
ramos em desenhos esquálidos
parecem dançar entre tons
amarelos, alaranjados e vermelhos,
painel agigantado
pelo direito a tanto poderio
que só a natureza, mãe soberana,
de modo gentil, ofereceu e repartiu.

África tanta, deste-me uma avó
e mal te conheço, mas eu te amo.

ÚNICO, A

Fôssemos nós acreditar
numa única sombra
cedo chegaria o erro
sem qualquer ilusão
próxima, imagine-se imediata
apontando desvios entre mutações
coisa alguma dada por conclusiva.

Tudo turvo,
de permeio a indefinições
acertadas entre curvas e retas,
claro destacado do escuro,
sapato salto agulha elegante
bota de cano alto bom gosto,
bondade dissolvida na dissimulação,
tudo a se julgar único, sem reprovações
sem um só a legitimar a crítica e
existir num *check-in* pronto a ser devassado
sem que se possa atribuir a menor particularidade.

OPOSTOS

O prazer é secreto, livre,
a liberdade corre e toma posse.

Louvam à palavra sonoridade e ideia,
a frase cria associações e altera-lhe o trajeto.

A ventania, prima irmã da leve brisa,
de longe anuncia, vou com chuva e destelho.

Maleável, fértil e vital como a água, impossível,
Imagine uma onda gigante a trocar vida por morte.

Aceito os opostos, mas antes, sem a menor dúvida,
saboreio o doce e provo o gosto do fel.

NO REGAÇO DA NÉVOA

do vento leste veio o inesperado
doce susto como beijo roubado
amanhecido entre travesseiros
envolto no mais terno silêncio
regaço difuso de sono e névoa

OLHOS NOS TEUS


em noites de longa viagem
silêncio e saudade
buscam lembrança da casa
distante felicidade
doce carinho para quem comigo quer viver

PÃO DO DIA

hoje tão bom seria
se assim feliz e lindo
fosses inteiro para mim
desde a noite ao fim do dia
tudo de teu só meu a me envolver

AMÊNDOAS DOCES

as amendoeiras do caminho
começaram ontem a floração
hoje meu amado segredou-me
palavras meigas quase esquecidas
sem mais zanga o céu de trovoada clareou



*Fisicamente, habitamos um espaço, mas,
sentimentalmente, somos habitados por uma memória.*

— JOSÉ SARAMAGO

NOITE DOS TEMPOS

Maria
sua noite de paz
venceu
por sobre dúvidas
por sobre perseguições,
o cansaço, as dores e a agonia
de nada mais ter por inteiro como seu
além da noite escura, abrigo tosco de uma gruta
dois animais adormecidos entre forragens e carumas
uma rústica manjedoura com palha, sem lençóis nem manta
para guarnecer
o Deus Infante
vindo de nascer,

Jesus
o tempo de paz
sábio
pela crença divina
iluminou de esperança
mulheres, homens e crianças
vidas a clamarem por uma fé a redimir
existência obscura, injustiças, dores invencíveis
retirando da riqueza o infeliz desrespeito à pobreza
ao coração do necessitado a constante descrença, desconsolo.
Vem luz bendita
da estrela guia:
paz entre todos.

HABEMUS PAPAM

Segunda-feira, melancolia,
Papa Francisco semana inteira
na tv e íntimo da minha casa,
partiu, maletinha preta na mão
sorriso humilde, a acenar adeus.
Levou saudades da terra e das gentes,
deixou exemplos de simplicidade, bondade,
esperança, conforto em acreditar no divino, viver
confiante na alegria de ser feliz entre as ações do bem
permitindo ao sagrado e à fé iluminarem o coração de cada um.

MANIF

as sempre velhas ações na sombra
 revoltam
 humilham
 quem não compactua
por não se imaginar ser o melhor

BILHETE

Sigo vaga, vazia,
noite branca de insônia
tudo pequeno se agiganta,
sinto a partida gelar as costas
uma ausência crescente assusta-me
carregando a idéia má do nunca mais.
As horas seguem soltas, os dias avançam,
nuvens pesadas cobrem o céu afora, outrora
azul, tudo parece remoto e urgente, não entendo.
Meu Pai querido, docemente amado, adormeceu e
sem acordar não conseguiu me enviar o que escreveu.

SILÊNCIO

penumbra no umbral
silhuetas em silêncio no funeral
lágrimas sem choros
gente forte enlutada de partida
frio sobre a laje juncada de flores

DIA DO PAI

Num retrato sem cores,
meu Pai, tia Estela, crianças
mimosas, vestidas com cuidado
para a Missa no domingo de Páscoa,
encantam quem assim descobre os dois
na estante entre meus livros e objetos.
Hoje, nem com a idade avançada
marcariam presença entre nós,
lembranças que não acabam
saudades marcadas de dor.
Tão efêmera essa nossa passagem sobre o planeta.

ARREPIO

daquele poema antigo o cão afastou-se
o gato da foto fugiu janela afora
o canário cantador emudeceu
a lua no céu resolveu se esconder
digam-me que faço eu se ainda cá estou

ESTILHAÇOS

Tempos ingratos,
tudo deixou de ser entendido,
impensável em dias de ontem,
duros a esmagarem o enlevo
a ânsia absoluta de se ver
mãos entre os dedos das mãos
linhas procuradas, sina traçada,
deleite para quem os via ficarem
calados, embevecidos, entregues
a se olharem e sorrirem
de mansinho, bonito.

Tempo de discussões,
um presente de culpa foi inventado,
assombro, disseram-se grosserias
desrespeitaram a lei de ler no outro,
mas não era ainda a indiferença
era o medo de descobrir o ódio,
a mágoa do incompreendido
a doer como ferida rasgada
olhos ardentes, lágrimas febris,
um gosto turvo, não admitido
a dizer em surdina, agora é adeus.

Não nos vemos se não nos saímos de nós!

— JOSÉ SARAMAGO

GOTA A GOTA

inabalável é a juventude
ao nada tudo arrisca
única e invencível
muito cedo se perde
tarde demais se valoriza

VISÃO NOTURNA

Foco
nudez
árvore gigante
crua e desfeita,
súbito iluminada,
galhos soltos descaídos
transversos, ofício de serpente.
Na haste mais ao alto,
grande nó vinha formar
cabeça de grinalda
mantilha tecida de cipós
e teias com folhas secas, tudo
a recobrir noiva quase desnuda
sem noivo, sequer florido buquê.
O céu e a lua acorreram solícitos,
noite limpa, nuvens altas e claras.
Uma inesperada estrela cadente,
fada madrinha da sorte,
atribuiu dotes, brilhos e poderes
em desafio à luz enluarada
acometida de raios nítidos, sem pudor.
A poesia, no ofício de varar a noite, mais
que o dia, concedeu à árvore de escassas vestes
novo noivo, novos rebentos, viço e vigor para viver.

NATURA, AE

Natureza, encanta-me o não saber
porque sempre te senti viver comigo,
igual meus olhos entre olheiras cerradas,
papel, lápis e caneta à mão para escrever,
vivendo eu a te procurar, tu a me consentires.

Se abro a janela e sinto o ar matinal,
acolho a vida, sorrio de felicidade,
dobro-me inteira de gratidão.
Em ti tudo me prende e observo,
da força das águas numa enchente
sua docilidade num copo matando a sede,
agilidade e beleza num beija-flor,
feiúra e voracidade suja no abutre.
Examino e procuro entender teus ciclos
percursos permanentes, outros mutantes,
continuidade na pedra, tenacidade,
alegria dos dias inteiros ensolarados
a anteceder a vinda das chuvas, enxurradas,
agito e pausa, recolhimento trazido pelo frio,
o renascer das cores primaveris, primeiro o amarelo
seguido de branco, lilás, enfim plenitude no vermelho.

Natureza, busco muito ler teus indícios
no espaço celeste para clarear incertezas,
presentindo a hora de esperar e aceitar
o mau, o belo e o bem pelo meio do mistério,
a generosidade do sol, poder e brilho cambiantes,
a plácida lua a gerir as marés,
incendiária de enamorados e loucos.

Natura, ae, graciosa, fértil, protetora, voluntariosa e secreta.
Sinto-te às vezes da minha família, talvez uma prima,
contigo convivo, acordo e durmo sabendo que
amanhã continuaremos parentes, unidas,
tu eterna, eu, enquanto por aqui estiver.

SAGUIM

Nas trilhas do parque
o chilrear dos pássaros
envolve céu, terra, árvores e gente,
vez por outra sobressai um canto
ou será um chamado a que outros atendem
neste pântano arborizado
mais vizinho da cidade do que distante.
Um chiado, quase um psiu,
surge acima do ombro direito,
logo outro e outro e mais outro
parecem dizer, olha eu aqui.
Paro para conseguir fotografar
aquela criatura pequena, parada
num galho, olhos vivos, cauda riscada
o dobro de seu tamanho.
Inútil! O macaquinho pula
disfarça, espreita-me,
decide mostrar a família na árvore e,
no instante do clique, arma novo salto
imitado pelos seus, parece assobiar,
surge, esconde-se e aparece em desafio,
astuto bichinho, eu vou ficar parada,
máquina no automático, imóvel, ele
vem de mansinho, dá momento de estátua,
a deixar-se fotografar, em seguida
escorrega, pula de galho em galho,
de uma árvore para outra, foge,
já ao longe, seguido dos seus, guincha.

HERÓIS DOS 60

A aventura ainda arrasta
e seduz os heróis de nós
estradas afora,
caminhos lendários,
possantes Harley Davidson,
falas e gestos arredios
roupas negras, metais,
semblantes sérios
alegria gasta pelo desencanto
numa imaginada paz desfeita.
Juventude de um mundo ideal
onde tudo parecia acontecer,
agora, num passado vazio
de paraísos afoitos,
cantam acordes esquecidos.
Vida sonhada em demasia.

FOTO DE FÉRIAS

feliz ócio das férias
qual formato de nuvens
tangidas pelo vento
nunca se pode igualar
nem sorver como um frio de contentamento

DESENHO ANTIGO

Dois pontos, lado a lado
bem definidos e acertados
uniram-se por uma linha,
grande festa.

Animados

deslizaram traço afora
dançaram em zigzague
inclinados, suspenderam-se,
rodopiaram em espiral
ondularam unidos
descansaram no horizonte.

O artista enternecido
adicionou outro ponto
aos dois do antigo traçado.

Eles, ao avistarem a novidade,
acorreram a formar novos desenhos
oblíquos, rasos e muitos mais,
só não houve como precisar
quando ocorreu o triângulo.

BLAZER DE ALFAIATARIA

menopausa por muitos suores confirmada
solitária executiva aos prantos no volante
que fiz eu nesta vida presa
entre cortinas tapetes e ar-condicionado
triste sina de em tudo ter sido só aspirante


CHAMA

Devaneio, isolamento
 olhar preso ao longe
matéria humana fluida
 isolada entre tantos outros
delírio concedido aos amados
 imunes a toda apatia
avesso cru de qualquer amizade.

NEM MAIS

sem temor
águas em turbilhão
laçadoras dos rochedos
amoldam-se dóceis
cumplicidade





*Além da conversa das mulheres
são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita.*

— JOSÉ SARAMAGO

INSONDÁVEL FEMININO

Conhecer o nunca feminino
só num dia inteiro de chuva
a arrumar gavetas
poderá ser encontrado entre
a negação, o vazio e o inesperado
amassado, semi-esquecido
entre mofo, mentiras e vergonhas,
vestígio do que quis ser sem conseguir.

A moça bonita, na
segunda ou terceira década,
confidencia, nunca beijei.

Este nunca escondido entre as mãos
num dia soalheiro, seguiu muito bem
lavado em água corrente,
espumas de sabão de coco,
de quebra alguma ternura
para esquecer gritos e injúria,
enxaguado e enxuto, ao sol quente
foi posto a brilhar e se fortalecer.

A senhora octogenária
segura e desenvolta
afirma, nunca conheci o medo.

Valente, vezes constrangida,
sua possuidora raro o reconhece,
susto, sorriso complacente aceita
a forma fluida, fechada, contida
à espera de um espaço, do tempo,
quem sabe, o vento a seu favor.
Um rosto vaidoso, único no espelho,
refaz a moldura do insondável.

A executiva de sucesso,
exuberante de inteligência
proclama, nunca me justifiquei.

Ave mulheres!

Para onde vai esse nunca,
sequer submisso ao reino das novelas?
Natureza e caminhos desconhecidos, solto,
ele evolui segundo a brisa, briga por liberdade,
crença da mulher em pensar por si, sozinha, e
se acordo vier a acatar, seja só por uma simples vontade,
opção e crença de se achar singular, como nunca, no feminino.

CHEGOU O DIA

Havia um soluço preso
no ventre de sua alma
exaurida de dúvida,
um amor resistente a rarear o ar,
rastros de felicidade
desobediente, quase uma dor,
medo de acreditar e duvidar.

De rastros implorou
ao delírio e à vontade,
toda minha mocidade e beleza
doarei com alegria,
da inteligência farei o enterro,
a liberdade a fama ou qualquer glória.

Pausa na incerteza,
a vida permitiu a paixão
junto ao sentimento afoito
sem qualquer vestígio de alegria,
muitos sustos e obsessão.

Uma tarde revelou-lhe o ocaso,
de um pulo, flecha e ira,
Maria rendeu-se,
cresceu no salto alto, reforçou o rímel,
bateu a porta entre risos de choro,
levou abajur, gata, travesseiro e livro,
tempo depois, ao rebanho alegre se acostumou.

POÇÃO DE MULHER

Melancólica
por tantas horas
doadas ao acaso
absurdo,
a mulher
de humor
imagino-a
correndo mundo afora
com botas leves, macias
e só muito depois, feliz, livre, a rir,
mesmo cansada, deixar-se escorregar
sentada de encontro uma árvore
no cimo de um monte a
espiar o vulto do nada
de olhos fechados
na fresca tarde
só respirando
sem pensar
ou sentir
nada.

GEMER A DOR

Valendo-se de uma estiagem
entre agonia e tontura
ela saiu só, cidade afora
em busca de coragem,
consigo a cuidar de si,
numa angustia medonha
ferindo até o desamparo,
dor fina de espinho espetado,
a procurar sem imaginar onde,
borda e beira de um precipício.

Dos ombros curvados escorriam-lhe,
costas abaixo,
certezas, palavras, crenças, tudo a fugir
arrastando-se atrás dos passos
numa cauda disforme, desvalida
a esgarçar-se por entre as pedras
num caminhar por vago impulso.

Gemeu. Entre lamentos orou.
Oh dor tamanha, Pai Deus Santo.
Não permitais a inspiração de mim escapar
por tanto à arte eu me ter devotado e concedido.
Consenti, por justeza, fidelidade e tenaz passagem,
o encontro de minha natureza, em estilhaços, com o assombro.
Sem saber, muito mais adivinhando,
na entrada do túnel, a personagem aguardava a autora,
juntas, definiram contornos e a narrativa refeita, apontou a miragem.

DESCABEÇADA

Sofreste em vão.
A posse, afinal
só é acreditada
e cultuada como certa
pelos tontos, os ingênuos.
Não te rales, seca as lágrimas,
aumenta o blush no rosa do retoque,
enfrenta o frio com o nariz para o alto,
sacode o cabelo e segue sem mais ais, coisa e tal.

O BONECO

Na vitrine de brinquedos, um boneco
entre dezenas de bonecas e casinhas.
No dia dos cinco anos foi presente dos avós,
jamais nos separamos,
atravessamos idades, mares, incertezas,
dias acamados de saúde pouca, sempre
juntos conquistamos a serenidade.
Nunca brincamos de cozinhados, éramos sérios.
As confidências teciam uma união firme
e aconchegavam minhas fragilidades febris.
Sobrevivemos à infância, às contestações juvenis,
ao casamento, às convicções adultas e à maternidade.
Hoje vive na segunda gaveta da cabeceira,
sempre bem vestido de azul com sapatinhos em crochet.
Se adoeço, logo vem para junto do travesseiro, ao meu lado
enquanto aguardamos as melhoras, tal como outrora.
Se o avistam, de imediato perguntam o nome,
— Meu Boneco, tal qual minha mão esquerda.

LABIRINTITE

Deitada, fecham-se os olhos,
formas geométricas agrupam-se
entre cores vivas que pulsam de leve
movem-se devagar, desorganizadas
da esquerda para a direita e
regressam, bruscas, à esquerda.

Um apito fino vem e volta
não demora, regressa,
o desequilíbrio arrasta-se
estica e encolhe,
prende o estômago e
arrepia a pele,
a coisa má está feita,
é o caos.

Uma náusea espalha-se
por dentro das entranhas,
vem pesada, insegura, atemoriza.
Qualquer cheiro, perfume ou cozinhados
repugna, nojo frio de enjôo,
o vazio a desmanchar-se,
informe.


Luz, reflexo, aflição de queda,
vácuo,
esbarro, toque o mais leve,
tudo abaixo, igual murro no nariz,
som alto, agonia, suor de gelo,
o tudo como o nada marcam sua vítima,
e as paredes inclinadas, generosas, são as únicas a acolherem a ruína.

POEMA ONOMATOPEICO

Marasmo tanto,
entonteço.
Tof, taf, taf
taf, tof
tof, hamm.
Pronto, acabou,
parece.
Cram, craf
taf, taf, tof.
Agora sim, que vergonha,
coisa mais aborrecida,
cran, cran, tof.
Um gole de água
ou dois e a tosse
desaparece, ah não,
tof, taf, tof
taf, taf, taf, taf
tof, taf, hamm.
Assim não dá!
Vou embora,
cruz credo, afugenta!

ZAGHOUAN

meu amor veio dessa época
entre seus braços me recolhi
inteira paixão
no topo do aqueduto em ruínas acima dos ventos
aos brados meu nome ecoou maria maria maria beatriz



*Dentro de nós há uma coisa que não tem nome
essa coisa é o que somos.*

— JOSÉ SARAMAGO

ENAMORADOS MOSCOVITAS

Dois adolescentes,
inteiro enlevo,
corpos enlaçados por um só
abraço,
sorriso plácido,
doce visão a encantar
praça afora quem os apercebe
na famosa vermelha militar.

Recordações de idílio se avivam,
também ternas e muito felizes,
de outros jovens enamorados,
revivescência,
meiga crença na plenitude
do tanto amor,
por saberem ser tão bem amados.

CAVALO MARINHO AMARELO

Na linha do horizonte
desde o mar mais agitado
estranho ponto cresceu, amarelo,
as ondas cavalgando dorso e crista.

Jangadeiros, pescadores e barqueiros
o gesto pararam, olhos fixos no duelo,
as rendeiras suspenderam o laço das rendas
nas almofadas marcadas com espinho de mandacaru,
os palitões no labirinto de linho ficaram suspensos
na agulha do bordado por não saberem da mestra
se caseado ou espanto, a vista lhes turvava.

Perguntas já não havia, apenas espera,
olhos forçando a tão curta distância
entre cavalo que se via não ser
e o amarelo por cima do mar.

A chuva e a barra da praia abreviaram o capricho do enigma,
um artefato amarelo levantou grande tampa, veio outra e mais outra,
uma cabeça eriçada, juba acobreada, um corpo ágil e o navegador pisou o chão.

DUAS SEM UMA

Minhas havaianas brancas
ao sol se deixaram ficar.
O mar, assim que as viu
uma onda à praia enviou
por desejar presentear
sandálias bonitas de pedrinhas
à sua amada alva espuma.

Súbito, uma já não havia,
mas se era para vir e logo levar,
por certo ao baile se apresentar,
faceira ao jeito de namorada,
por que o par então não levou
deixando nós duas sem graça,
uma e outra, pé nu, descalço?

EU E O MAR

Confinante a nós dois, só a areia fina separava.
Eu, criatura minúscula, apenas aprendiz,
ele, sabedoria antiga, lindo na sua imensidão
revelando a pequena grande virtude, sonhar.
Meus olhos buscavam, obstinados, aquele verde
matreiro entregue às mandingas do sol.
Meu corpo entre águas mornas, mansas,
mergulhos no topo do quebrar das ondas,
braçadas largas até as forças bastarem
arroubos e cumplicidade maior não havia,
mas ele não era meu.
Nunca houve despedida, só regresso e
êxtases no amanhecer de um novo dia,
verões inteiros de abismo.

Aviso no jornal, Maré Viva, ressaca,
era correr em festa meninada e eu,
o mar em grande ira, praia de areal vazio,
ruas invadidas, estrondos, águas descarriladas,
muro ruindo, adultos preocupados, crianças
a bater palmas, fotógrafos, cinegrafistas, burburinho.
Tudo era desmedido naquele mar vindo voluntarioso,
cismado na recolha, águas lívidas, quase brandas,
olhar afeito a tudo, ele, a divindade marítima.
Lindo! Soltei num grito imitado por outros.
Próximos reclamaram ao perguntar, por quê?
Ele defende o leito universal, só seu,
não é zanga, sequer opinião, é posse devida
de ser líquido, isso sim, existir entre força e ardor.

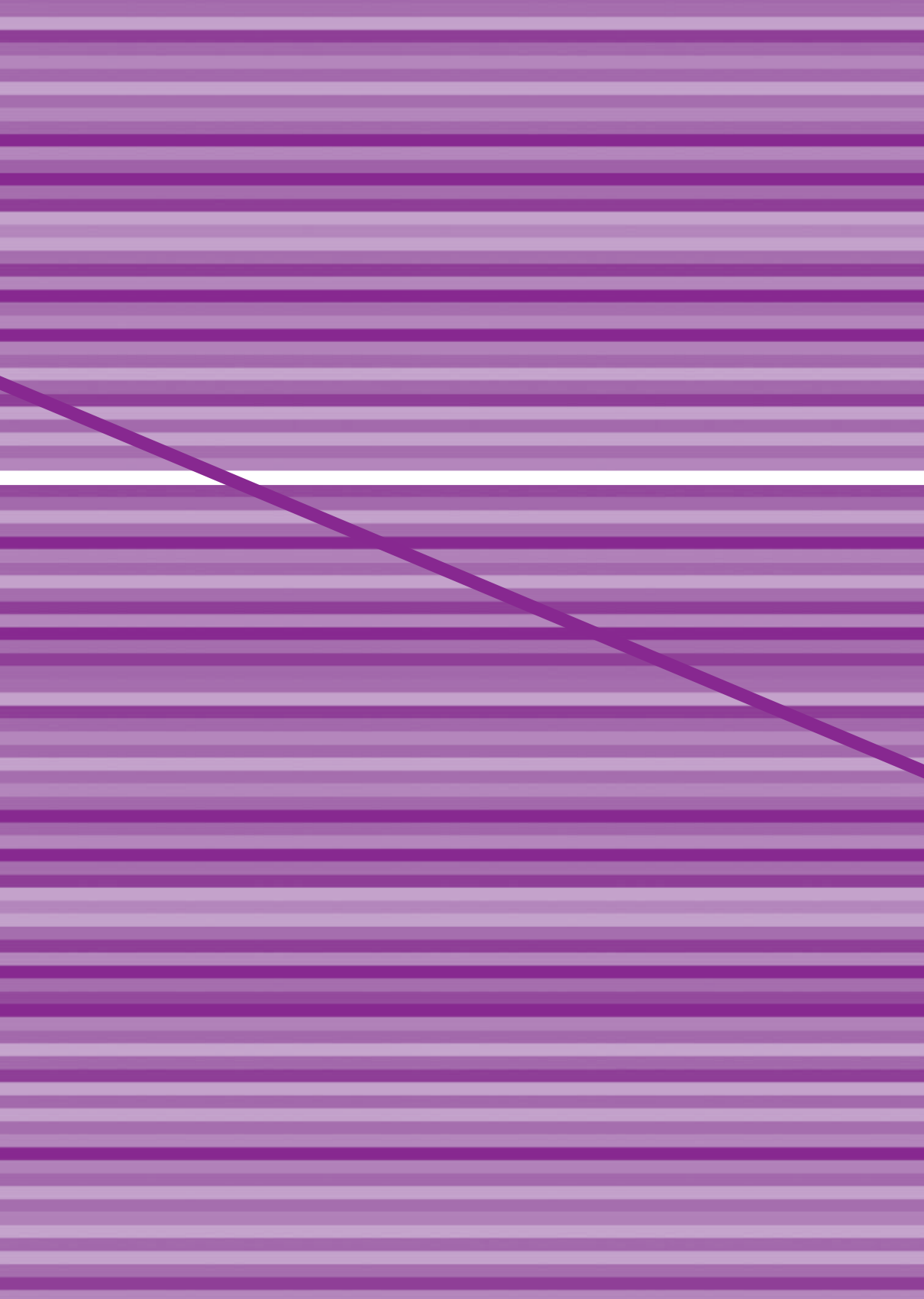
A vida seguiu arrebatada, não consentida,
com pressa, prazer, muito trabalho e enlevos,
quedas, dores, várias alegrias, tudo
num passar rápido, o tempo no comando.
O mar e eu fomos adiante, afastados, sem amuos,
saudosos em juras, vou a ti me aconchegar.
A vez chegou, sandálias na mão, orla afora,
o verde inteiro nos meus olhos, fascínio.
Distante, ele mostrou-se paisagem, já não havia sonho.
Desistir, isso não, molhei os pés, devagar fui em frente,
firme avancei. Bravo, ele veio em onda gigante sobre mim
revolto, revoltado, redemoinhos, desconhecido.
Afundei uma, duas, na terceira alguém acudiu.
Chorei desvalida. Aos poucos, aprendo a despedida.

VINHO GENEROSO

Sombra de parreira
mesa posta, servida,
taças de vinho generoso
avisam sobremesa e doces
todos brindam à mais inteira saúde,
num primeiro ou segundo gole, risos recordam
tantos outros momentos em família, felizes. Pródiga sorte.

ATÉ BREVE

aquele beijo colado
na concha da tua mão
 guarda-o bem dedos fechados
 escondido da vista com cobiça
noite chegando solta-o é todo só teu





ADENDO

REFERÊNCIAS CRÍTICAS E LEITURAS

“ Seu trabalho sobre o Pessoa (*Fernando Pessoa e o Momento Futurista de Álvaro de Campos*) mal chegou e já li o bastante para gostar muito da sua análise, pela sólida documentação, a objetividade do escrevê-lo, o dramatismo trágico da vida que usava ser plural...Espero que mais nos escrevamos e que algum dia nos conheçamos.

AGOSTINHO DA SILVA

Escritor e filósofo português

Abarracamento de Peniche, 18 de fevereiro de 1986

“ O que é certo é que Beatriz Alcântara, na realização de seu luminoso destino literário, continua a produzir, sempre mais, versos de muita significação temática e imagética, um permanente crescimento dentro da nobre arte que escolheu para expressão do seu sentir e de sua verdade mais secreta. E isso faz dela um dos melhores nomes da Literatura Cearense Contemporânea.

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Príncipe dos Poetas Cearenses e

Presidente da Academia Cearense de Letras

“ Seu poema *Lisboa Redescoberta*, vista a cidade de S. Pedro de Alcântara, está um primor por toda a dimensão da cidade e de sua vida que transcendem de seu belo trecho poético. Parabéns! O Conselheiro, que explicou Lisboa a Luísa daquele balcão, sentiria o maior ciúme de você. Lindo o conceito de que “caiu na armadilha de ti não ter nascido/ e de ti não me apartar...”

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES

Escritor e Embaixador brasileiro residente em Lisboa e

Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa

“ O ponto fundamental em Beatriz Alcântara é a consciência do fenômeno literário, a certeza de que a literatura, como arte que é, tem que ser responsável, fiel à verdade e à vida. (...) Quando temos a oportunidade de ler um livro (*Daquém e Dalém-Mar*) como o de BA, sentimo-nos compensados e certos de que a literatura jamais perecerá, enquanto existir o homem com a sua dor. (...) Um livro que se impõe por seus muitos valores.

MOREIRA CAMPOS

Contista e professor de Literatura

“ Subjacente à lírica de Beatriz Alcântara percebe-se uma rara fusão entre inteligência e sensibilidade, revelando-se e expressando-se com sensibilidade poética que capta e sente, holisticamente, tudo em tudo. Deste fenômeno é que lhe nasce a *Água da Pedra* e seu intuitivo fluir de plurissignificações interconectadas (...) após suas anteriores e bem sucedidas incursões literárias, vem Beatriz Alcântara com o seu *Água da Pedra* consolidar seu dom e sua vocação de artista da palavra...

NOEMI ELISA ADERALDO

Ensaísta, crítica literária e professora de Literatura

“ A arrogância do chamado eixo Rio – São Paulo em ignorar tudo o que não está ao redor do seu umbigo, vem causando grandes estragos à nossa literatura e à livre circulação de idéias e da criação literária (...) Beatriz Alcântara é uma dessas poderosas vozes nordestinas, que se expressa em gêneros como o ensaio, a poesia e o conto. (...) Seu mais recente livro *O Portal e a Passagem* mostra o vigor de sua poesia, verdadeiro portal de união entre a cultura luso-brasileira.

DALILA TELES VERAS

Ensaísta e poeta

“ Sra. Beatriz Alcântara. Eu Adilson Donizeti Veronez, com todo respeito, venho lhe pedi através desta se a senhora Beatriz Alcântara se teria condições de me arruma e enviase o livro que a senhora lançou, cujo título é *Água da Pedra* Porque gosto muito e admiro esse tipo de trabalho. (...) E esse livro que a senhora lançou é 100%...

ADILSON DONIZETI VERONEZ

Penitenciária Junqueirópolis

“ Li e naturalmente admirei a beleza de seus poemas (poemas-poetas) que me enviou — *Pau D'Arco* e *Brilho*. As aliteraões de *Pau D'Arco* — *sou suspiro da terra, segura serra seiva e sou teu terra* —, bem como as imagens *Último suspiro de crença*, etc. demonstram a inata vocação poética e o raro talento para escrever. Também me deslumbraram as imagens líricas de *Brilho*, como imagino afagos com toques de cetim.

HENRIQUES DO CERRO AZUL

Poeta

“ Beatriz Alcântara é uma laureada escritora brasileira, portadora de qualidades muito lisonjeiras para todo o arganilense que se preza: é oriunda de Arganil, gosta de Arganil e visita Arganil sempre que pode... Certas palavras exercem sobre Beatriz Alcântara uma tal influência, que me sinto inclinado a qualificá-la de mágica; entre outras, creio estarem nessas condições: Morte, Água, Pedra, Mar. São palavras, para Beatriz, emblemáticas. (...) Vivências que, em determinados momentos experimentou e posteriormente teve e tem necessidade de reviver poeticamente.

AMÂNDIO GALVÃO

Escritor

A Comarca de Arganil, 28 de setembro 1999

“ A poesia de Beatriz Alcântara é fluente, natural e liberta, por ser espontânea e renovadora... *O Portal e a Passagem*, autêntico e fantástico, fingido e vivido, sonhado e materializado, fazendo-nos rever, no espaço e no tempo, o que a distância não consegue apagar, imagens como a da *Lisboa Redescoberta*.

JOÃO ALVES DAS NEVES

Presidente do Centro de Estudos
Americanos Fernando Pessoa, SP

“ Chère Madame Alcântara, Chère Poète... Vous êtes une poète de haut vol, assurément; vous avez un style, vous avez du duende, si je puis dire. Faites-moi parvenir, s’il vous plait, une notice biobibliographique vous concernant...

JEAN-PAUL MESTAS

Crítico literário,
Nantes, França, 01 de setembro de 2000

“ A cada página de seus livros, uma revelação, um espanto prazeroso em sua literatura. No estudo sobre Pessoa, que magnífica apreensão de um mistério, cada um é ao mesmo tempo sol e satélite... minha admiração por sua cultura e sensibilidade — não é sempre que estas duas caminham juntas! — e meu profundo agradecimento pela generosidade literária, exercício de compartilhar...

SÔNIA ADARIAS SOARES

Editora e contista
São Paulo, 22 de março de 2000

“ Que bela poeta é a Beatriz Alcântara! Que imagens surpreendentes! (Estou pensando, por exemplo em *A Nuca*) E que domínio da linguagem poética! Aliás, domínio também da linguagem ficcional como constatei em *Daquém e Dalém-Mar* (fantástico título)...

MOACYR SCLIAR

Médico e escritor
26 de março de 2001

“ Beatriz, fiquei encantada com seu livro — *Raízes do Tempo* — que finalmente chegou. Você é um gênio da poesia. Parabéns!

PATRÍCIA DOREEN BINS
Jornalista e escritora

“ Beatriz Alcântara é uma poetisa límpida, sem cintilações de adereços, personalíssima, de lirismo sutil, dadivosa e humana. De uma riqueza poética envolvente, objetiva e ‘neutra’, porque é simples, sem ser fácil. É vibrátil e demonstra estar sempre em tempo de espera, essa espera que só os bons poetas conhecem. Expansiva e cautelosa. Será isto? Porque há ainda um grande sentimento d’alma na contracorrente dos seus poemas. Para poetisa como esta, para obra como esta, haja mais espaço para estudá-la...

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO
Jornalista, contista e poeta

“ A TESSITURA POÉTICA DE BEATRIZ ALCÂNTARA. O livro *Folha de Prata* de Beatriz Alcântara (Edições Bagaço, 2002) a partir do título metafórico... anuncia-nos uma poetisa jamais destinada a olhos distraídos... O ápice da expressividade poética em *Folha de Prata*, Beatriz a encontra no poema *Intromissão*... uma bela composição, com uma rara desenvoltura diante da palavra...

CARLOS AUGUSTO VIANA
Jornalista, poeta e professor universitário



Belíssimo poema de circunstância, *Dia de Aprender*. Você mostrou como se extrai a paz da violência, a humildade da arrogância, o belo do horrendo. Seu poema não se restringe à mensagem, por si mesma consistente, atual e necessária a quantos usem a lucidez, é também ritmado e bem estruturado. Por favor, amiga, mande-o para amigos, jornais, rádios, televisão. Juro-lhe que milhões de criaturas estão igualmente com ‘medo de descobrir que ainda se vivia’. Estão com ‘alma e nervos em guerra’. Parabéns!

CYL GALLINDO

Jornalista, poeta e ficcionista



Querida Beatriz, li seu poema — *Dia de Aprender* — com emoção. Parabéns por Ter conseguido traduzir o sentimento que tão poucas pessoas conseguiram. Gostei especialmente do trecho ‘Onde está o pássaro branco? Só aviões povoam as imagens do meu imaginário.’

VALÉRIA C. GUIMARAES

Médica endocrinologista



Raízes do Tempo, raízes da mente, entre pedras e asas, a vigorosa poesia de Beatriz Alcântara esquadrinha o enigma do fazer poético, louva a vida e celebra a verdade, elegendo o belo como sua alegria maior. Cantar o cotidiano tanto quanto a profundidade abissal do viver não torna o poeta menos cúmplice do seu semelhante, do outro. Muito pelo contrário. Água e lava estão alertas na arte poética de *Raízes do Tempo*, tendo em tudo de justiça aparência.

OLGA SAVARY

Poeta, jornalista, crítica literária e ensaísta

“ Seu livro *O Portal e a Passagem* guarda aquela lucidez da vida instantânea. É uma poesia diferente, direta, objetiva, e, ao mesmo tempo, plena de buscas irrealizadas.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

Crítico literário e contista

“ Beatriz possui o sincretismo dos poetas eleitos. A alegoria é marca constante nas imagens que se sucedem lembrando a partitura musical, o sopro do canto e a leveza da dança na orquestração dos ritmos... Nossa musa não traz influência pesada de ninguém, mas confluência, sim, com Fernando Pessoa, como acontece a todo poeta que se preza. Detentora de vários prêmios, Beatriz possui ampla visão no que diz respeito ao ensaio, prova disso são seus trabalhos sobre Simone de Beauvoir e Fernando Pessoa... Com *Raízes do Tempo*, título originalíssimo, alcança o ápice de sua criatividade entre poetas de sua geração, se projetando, ainda, a nível nacional.

JOSÉ ALCIDES PINTO

Romancista e poeta

Fortaleza, 08 de novembro de 2001

“ *Raízes do Tempo* — é a poesia amadurecida de Beatriz Alcântara. Ela tem duas pátrias: Brasil e Portugal. GANHOU muitos prêmios pela publicação de seus livros. Jean-Paul Mestras, na França e Dário Castro Alves, em Portugal, exaltam sua poesia. É ouro de 22 quilates.

TOBIAS PINHEIRO

Poeta, Presidente da

Academia Carioca de Letras

“ Com prazer e proveito, reli, mais de uma vez, poemas de que o próprio autor é o leitor. *Águas dos Trópicos*, o presente magistral. Livro belo, excelente conteúdo, moderno projeto gráfico. Ilustrações muito bem escolhidas. Antologia, que faz parte do *Projeto Literatura nos Trópicos* e que continua o labor febril de Lourdes Sarmiento e Beatriz Alcântara, reunindo poetas do norte e do nordeste que elaboram com seus estilos, ritmos e sons a arquitetura poética que encerra, na memória destas regiões, o gosto de uma época e a referência de uma cultura...

ALICE SPÍNDOLA

Poeta

Jornal da UBE, junho de 2001

“ A escritora Beatriz Alcântara, no recente Congresso de Escritores, acontecido aqui no Recife, falou sobre *O Eu Lírico Feminino* destacando três escritoras: a portuguesa Florbela Espanca; a suíça-argentina Alfonsina Storm e a nossa Cecília Meireles. Foi brilhante e mostrou cultura a cearense Beatriz, nome que está sendo conhecido no Recife.

ALEX

Jornalista

Jornal do Commercio, Recife, abril de 2002

“ Estimada Beatriz, muchas gracias Poë El envío de su poema relativo a lo acaecido El 11 de septiembre. Le comento que El mismo há sido leído con mucho interes y hemos recibido comentarios elogiosos a su respecto. Me gustaria poder leer más material de su autoria... Asimismo, Le hago saber nuestra plena disposición para recibir a Ud. como corresponsal en nuestra Revista. Quedo a su disposición para el futuro. Reciba un cordial saludo.

M. VALERIA CORREA

Diretora e editora

Editorial Francachela, USA, 31 de agosto de 2003



QUINTETO DRUMMONDIANO. Integrante de florescente geração de poetisas cearenses, tidas como obreiras plenas de versificação moderna...nessa tendência a intelectual Beatriz Alcântara buscar-se-ia identificar seus preferidos moldes da versificação moderna em *O Portal e a Passagem*. E, já no poema Versos Penitenciais, deparar-se-ia com a fórmula preconizada por Manuel Bandeira, cada unidade assimétrica sendo delimitada por uma tênue freada acústica... Já em poemas de versos mais extensos, a poetisa Beatriz Alcântara fazia uso de pausa acústica não apenas no final de suas assimétricas linhas, realizando artístico fracionamento da sintaxe poética, estabelecia breves cortes fônicos na subdivisão dos versos assim partilhados, cada fração silábica esbarrando na linha subsequente, mediante tênue queda sonora. Pluralização transtextual do verso livre.

F. S. NASCIMENTO

Diretrizes da Linguagem Poética
RBS Editora, 2005



JOSÉ DE ALENCAR E A CEARICIDADE. A personagem Iracema e a sua relação na construção da ‘cearicidade’. Este foi o eixo central da palestra *140 anos de Iracema de José de Alencar*, que Beatriz Alcântara, do Ceará, proferiu no final da manhã de ontem no auditório do Colégio Gonzada. O evento integrou programação da 33ª Feira do Livro de Pelotas (RS) (...) Beatriz Alcântara ressaltou o mergulho que Alencar precisou fazer para fundir a língua portuguesa lusitana com a rudimentar e melodiosa língua tupiguarani, sem que isso soasse falso ou ingênuo.

ROBERTO RIBEIRO

Jornalista
Diário Popular, Cultura, 2005

“ *O Jardim Foi-se* — A presente coleção de minicontos e microcontos de Beatriz Alcântara prende o leitor por vários aspectos. Pela estrutura inovadora, pela síntese, pela atitude sugestiva, pela integração no tempo atual, por uma espécie de denúncia dos males da existência... Entendo que o título *O Jardim Foi-se* refere-se ao jardim paradisíaco, perdido de modo irremediável pelo homem, implicando isso toda sorte de sofrimento, contratempo e malefício... No caso das atuais narrativas, a maldade e a dor humana congênicas como que são suscitadas como fatalidade... Merece toda a admiração o livro de minicontos e microcontos, ilustrado com ‘intervenções urbanas’ da inovadora contista... Um livro que, pelo seu singular estilo (forma e conteúdo, portanto visão do mundo), chegou para ficar.

LINHARES FILHO

Crítico Literário, ensaísta e poeta
Junho 2010

“ BEATRIZ ALCÂNTARA: A CUMPLICIDADE DO POÉTICO.
A escritura de Beatriz Alcântara põe o leitor em contato direto com o estado poético. A natural habilidade com que manuseia o verso livre no metapoema *Palavras Cúmplices*, presente na abertura do livro. Lírica, de tom confessional, especialmente quando vai ao encontro de suas raízes avoengas, Beatriz Alcântara realiza grandes poemas que podem ser considerados frutos de um processo arqueológico de estrutura circular. Poesia madura que aguça os sentidos. Música em plenitude. Palavra e alumbramento. Arte pura.

CARLOS AUGUSTO VIANA

Crítico Literário e Poeta
Diário do Nordeste, março de 2013

AGRADECENDO UM BRINDE DE BEATRIZ ALCÂNTARA

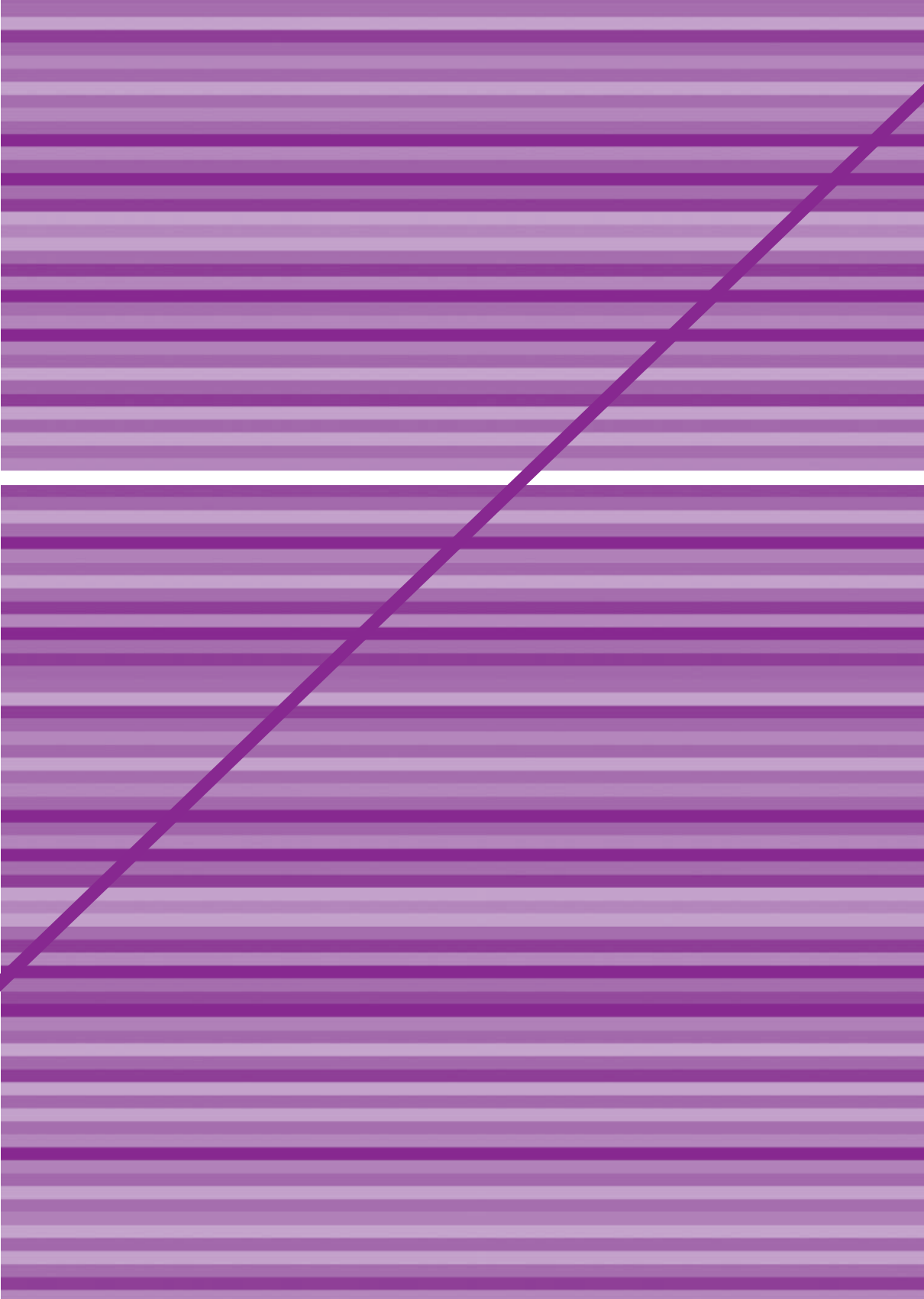
Vim trazer-te, Senhora, neste Canto,
O meu louvor em puro e grã respeito.
Sou poeta *à l'antique*, já sem jeito,
Mas ante o belo e o justo me levanto.

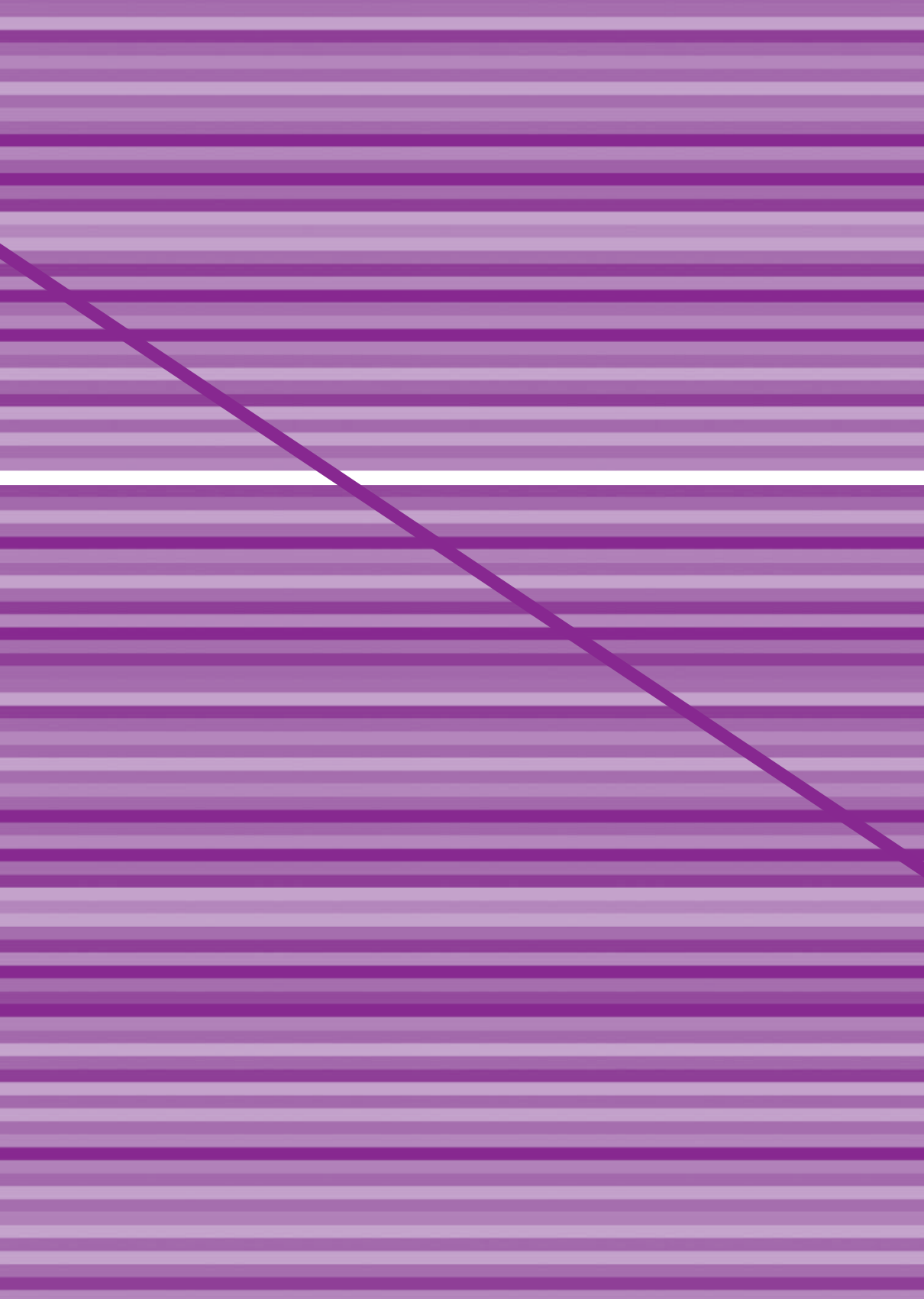
Ganhaste amplo saber e alto conceito
E tanta luz tu tens em Conto e Canto,
Que conservas leveza de acalanto,
Enquanto te escutamos com proveito.

Ibérica, ancestral, tu tens a face
Das cousas mais perenes de que nasce
A grandeza cantante da existência.

Ante a clara nobreza de teu rumo
Vemos que escreves sempre em grande aprumo,
A recolher da vida a fina essência.

por Artur Eduardo Benevides
Escadarias na Aurora, 1997





© Beatriz Alcântara, 2014
mbra999@gmail.com

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Silvia Furtado

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Alvaro Beleza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Alcântara, Beatriz.

Mulher oblíqua: (poesia) / Beatriz Alcântara. – Fortaleza:
Fundação Waldemar Alcântara, 2014.
112p.

ISBN 978-85-61865-20-7

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.1



FORTI NIHIL DIFFICILE

1894 - 2014

Fundação Waldemar Alcântara

Rua Júlia Vasconcelos, 100
Pio XII – Cep 60120-320
Fortaleza – Ceará
Tel: (85) 3257 6927
Fax: (85) 3241 2433
www.fwa.org.br

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO NA FONTE
KARMINA SANS, PROJETADA POR
VERONIKA BURIAN E JOSÉ SCAGLIONE.
IMPRESSO NA EXPRESSÃO GRÁFICA, EM NOVEMBRO DE 2014.
TIRAGEM: 500 EXEMPLARES.
FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL.

